



## CONHECIMENTOS GERAIS

### LEGISLAÇÃO

#### QUESTÃO 1

Segundo o texto da Constituição Federal de 1988, o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de

- (A) oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando.
- (B) progressiva universalização do ensino fundamental obrigatório e gratuito.
- (C) educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até quatro anos de idade.
- (D) educação básica gratuita, nas redes pública e privada, dos quatro aos dezessete anos de idade.

#### QUESTÃO 2

A Constituição Federal de 1988 estabelece que

*“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.*

De acordo com seus dispositivos, é correto afirmar que

- (A) os estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino médio e superior.
- (B) o ensino fundamental regular será ministrado exclusivamente em língua portuguesa.
- (C) os municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.
- (D) o ensino religioso, de natureza obrigatória, constituirá disciplina das escolas de ensino fundamental.

#### QUESTÃO 3

A Lei nº 12.772/2012 dispõe sobre a estrutura do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal.

De acordo com seus dispositivos, é correto afirmar que

- (A) o regime de trabalho de 40 (quarenta) horas semanais de trabalho, em tempo integral, será exercido, necessariamente, com dedicação exclusiva.
- (B) a progressão na Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico ocorrerá com base nos critérios estabelecidos pela Lei nº 8.112/1990.
- (C) o desenvolvimento na Carreira de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico ocorrerá mediante progressão funcional e avaliação de desempenho.
- (D) com as exceções previstas na Lei, o regime de 40 (quarenta) horas com dedicação exclusiva implica o impedimento do exercício de outra atividade remunerada, pública ou privada.



#### QUESTÃO 4

A Lei nº 8.112/1990 dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais.

Segundo o texto legal, a

- (A) remoção é o deslocamento de cargo de provimento efetivo, ocupado ou vago no âmbito do quadro geral de pessoal, para outro órgão ou entidade do mesmo Poder.
- (B) readaptação será efetivada em cargo de atribuições afins, respeitada a habilitação exigida, nível de escolaridade e equivalência de vencimentos.
- (C) redistribuição dar-se-á no deslocamento do servidor, a pedido ou de ofício, no âmbito do mesmo quadro, com ou sem mudança de sede.
- (D) recondução é a reinvestidura do servidor estável no cargo anteriormente ocupado, ou no cargo resultante de sua transformação.

#### QUESTÃO 5

De acordo com os dispositivos da Lei nº 9.394/1996 (LDB), é correto afirmar que

- (A) os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais poderão ser aferidos, mas não reconhecidos pela instituição de ensino.
- (B) a educação profissional e tecnológica será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria.
- (C) a Base Nacional Comum Curricular referente à educação de jovens e adultos incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e religião.
- (D) os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado.



## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

### QUESTÕES OBJETIVAS

#### QUESTÃO 6

[...] alguns autores reservam o termo “falácia” para os argumentos inválidos que parecem válidos. [...] são as falácias que são particularmente perigosas. Os argumentos cuja invalidade é evidente não são enganadores e, se todos os argumentos inválidos fossem assim, não seria necessário estudar lógica para saber evitar erros de argumentação. (MURCHO, 2015, p. 10-11)

MURCHO, D. **O lugar da lógica na filosofia**. Corroios (PT): Plátano, 2015.

Com base no texto, é correto afirmar que **SE**

- (A) não existissem falácias, então não haveria uma razão para estudar lógica para saber evitar erros de argumentação.
- (B) e somente se existem falácias, então há uma razão para estudar lógica para saber evitar erros de argumentação.
- (C) o estudo da lógica é necessário para saber evitar erros de argumentação, então todos os argumentos são enganadores.
- (D) há argumentos que são evidentemente válidos, então o estudo da lógica é desnecessário para saber evitar erros de argumentação.

#### QUESTÃO 7

Nós também definíamos a moralidade por essa adesão a si, e é por isso que dizemos que o homem não pode positivamente optar entre a negação e a assunção de sua liberdade, pois uma vez que ele opta, assume; ele não pode querer positivamente não ser livre, pois uma tal vontade se destruiria a si mesma. Ocorre apenas que, à diferença de Kant, o homem não nos aparece como sendo essencialmente uma vontade positiva: ao contrário, ele se define primeiramente como negatividade; ele está primeiramente à distância de si mesmo, ele só pode coincidir consigo se aceitar não reunir-se jamais a si mesmo. (BEAUVOIR, 2005, p. 33)

BEAUVOIR, S. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Com base na leitura do texto, é correto afirmar que

- (A) a escolha moral, motivada pela positividade, dá sentido à liberdade, atribuindo uma finalidade à existência humana.
- (B) a existência moral torna impossível a escolha, posto que os valores são transversais à liberdade humana.
- (C) a ambiguidade humana reside no fato de que a coincidência consigo requer a não adesão a si.
- (D) a adesão a si é o que permite que a pessoa recuse ontologicamente sua liberdade.



### QUESTÃO 8

A “unidade” é necessária para a ação política efetiva? Não será, precisamente, a insistência prematura no objetivo de unidade a causa da fragmentação cada vez maior e mais acirrada das fileiras? Certas formas aceitas de fragmentação podem facilitar a ação, e isso exatamente porque a “unidade” da categoria das mulheres não é nem pressuposta nem desejada. Não implica a “unidade” uma norma excludente de solidariedade no âmbito da identidade, excluindo a possibilidade de um conjunto de ações que rompam as próprias fronteiras dos conceitos de identidade, ou que busquem precisamente efetuar essa ruptura como um objetivo político explícito? Sem a pressuposição ou o objetivo da “unidade”, sempre instituído no nível conceitual, unidades provisórias podem emergir no contexto de ações concretas que tenham outras propostas que não a articulação da identidade. Sem a expectativa compulsória de que as ações feministas devam instituir-se a partir de um acordo estável e unitário sobre a identidade, essas ações bem poderão desencadear-se mais rapidamente e parecer mais adequadas ao grande número de “mulheres” para as quais o significado da categoria está em permanente debate. (BUTLER, 2014, p. 36)

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Com base no texto, é correto afirmar que

- (A) a unidade identitária da categoria de mulheres é condição para articulação da ação política feminista.
- (B) a unidade compulsória da categoria mulheres não é pressuposta nem requerida para a ação política feminista.
- (C) o primeiro passo para gerar unidades provisórias ou permanentes de ação política é estabilizar a categoria de identidade.
- (D) o significado da categoria mulheres está em permanente debate na busca por atingir acordos unitários e estáveis sobre identidade.

### QUESTÃO 9

Com expressiva força epistêmica, a categoria da amefricanidade permite que grupos subalternizados pelo modelo moderno/colonial produzam, a partir de suas experiências e processos de resistência, conhecimentos e fazeres que desafiem os lugares sociais e as estruturas de poder próprias da colonialidade. Aberta às múltiplas formas de ser, estar e bem viver, desarruma as fronteiras que estabelecem o centro e a periferia, acessa os diversos rostos e corpos que compõem o mosaico da América Ladina e ajuda a compor uma noção de direitos humanos que consiga dar conta das múltiplas possibilidades de ser humano e estar na natureza. (PIRES, 2020, p. 163)

PIRES, T. Por um constitucionalismo ladino-amefricano. *In*: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, N. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

De acordo com o texto, a categoria “amefricanidade”, proposta por Lélia Gonzalez,

- (A) produz uma noção de direitos humanos que limita a importância da influência de grupos subalternizados para a produção e a compreensão da realidade.
- (B) tem força epistêmica, por legitimar processos de resistência com o intuito de reforçar as estruturas de poder próprias da colonialidade.
- (C) propõe uma concepção de direitos humanos que abarca a pluralidade dos povos que compõem a América Ladina.
- (D) impede a realização de um ideal democrático, pois reproduz as fronteiras entre o centro e a periferia.



### QUESTÃO 10

No texto a seguir, Cida Bento tematiza o “pacto narcísico” constitutivo da branquitude e seu papel nas relações raciais no Brasil:

O silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vêm acompanhados de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana. Quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco. Freud identifica a expressão do amor a si mesmo, ou seja, o narcisismo, como elemento que trabalha para a preservação do indivíduo e que gera aversões ao que é estranho, diferente. É como se o diferente, o estranho, pusesse em questão o “normal”, o “universal”, exigindo que se modifique, quando autopreservar-se remete exatamente à imutabilidade. Assim, a aversão e a antipatia surgem. (BENTO, 2002, p. 30)

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil.  
*In*: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

De acordo com o texto,

- (A) o pacto narcísico se constitui tendo em vista a preservação de si mesmo por parte de um grupo, estabelecendo-se esse grupo como referência da condição humana universal.
- (B) a “expressão do amor a si mesmo” é uma forma de preservar o indivíduo diante da coletividade e não influencia na estruturação das desigualdades raciais.
- (C) o amor narcísico consolida-se pela inserção do indivíduo em um grupo semelhante a si mesmo e capaz de agregar os dessemelhantes.
- (D) o “normal” e o “universal” são conceitos que mudam constantemente para garantir a inclusão do diferente em um grupo racial não racializado.

### QUESTÃO 11

Em suma, para ser dita “moral” uma ação não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, lei ou valor. É verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma relação ao código a que se refere; mas ela implica também uma certa relação a si; essa relação não é simplesmente “consciência de si”, mas constituição de si enquanto “sujeito moral”, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se. (FOUCAULT, 2007, p. 148)

FOUCAULT, M. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. *In*: MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de ética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

De acordo com o texto, uma ação moral

- (A) constitui um “sujeito moral” a partir da inteira submissão do indivíduo às leis, regras e valores.
- (B) define-se pela constituição de si enquanto “sujeito moral” a partir da obediência a leis, regras ou valores.
- (C) é uma relação entre a regra, lei ou valor e um conjunto de atos que se conforma às leis, regras ou valores.
- (D) comporta regras, leis ou valores, um ato ou conjunto de atos conformes a essas regras, leis e valores, e a constituição de si como “sujeito moral”.



### QUESTÃO 12

Em todo caso, ter uma ideia não é da ordem da comunicação. Nesse ponto é que gostaria de chegar. Tudo sobre o que temos falado é irreduzível a qualquer comunicação. Não é complexo. O que isso quer dizer? Em um primeiro sentido, poder-se-ia dizer que a comunicação é a transmissão e a propagação de uma informação. Ora, uma informação, o que é? Não é complicado, todo mundo sabe: uma informação é um conjunto de palavras de ordem. Quando alguém lhes informa, alguém lhes diz no que vocês supostamente devem crer. Em outros termos: informar é fazer circular uma palavra de ordem. [...]

Qual é a relação da obra de arte com a comunicação? Nenhuma. Nenhuma, a obra de arte não é um instrumento de comunicação. A obra de arte não tem nada a ver com a comunicação. A obra de arte não contém estritamente a menor informação. Em contrapartida, há uma afinidade fundamental entre a obra de arte e o ato de resistência. Visto desse modo, sim: ela tem algo a fazer com a informação e a comunicação a título de resistência. (DELEUZE, 2012, p. 385-397)

DELEUZE, G. O que é criação? *In*: DUARTE, R. (Org.). **O belo autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Com base na leitura do texto, é correto afirmar que a obra de arte

- (A) mantém-se desatrelada do âmbito comunicacional, apesar de emitir palavras de ordem próprias aos atos de resistência.
- (B) mantém algum grau de relação com a informação e a comunicação, na medida em que se articula como resistência.
- (C) perpetra atos de resistência que estão situados no campo não informacional.
- (D) é alheia ao campo da informação, posto que não emite palavras de ordem.

### QUESTÃO 13

A questão é que nenhum deus persegue a sabedoria ou deseja tornar-se sábio, pois já o é; e ninguém mais que seja sábio persegue a sabedoria. Nem o ignorante persegue a sabedoria ou deseja ser sábio; nisso, aliás, a ignorância é confrangedora: estar satisfeita consigo mesma sem ser uma pessoa esclarecida nem inteligente. O homem que não se sente deficiente não deseja aquilo de que não sente deficiência. (PLATÃO, 2007, p. 29)

PLATÃO. O banquete. *In*: MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

De acordo com o texto,

- (A) o sábio é aquele que admite o conhecimento que lhe falta.
- (B) o ignorante é aquele que admite o conhecimento que lhe falta.
- (C) o sábio, assim como os deuses, não deseja a sabedoria, pois já a possui.
- (D) o ignorante assemelha-se aos deuses, pois tudo sabe e, portanto, nada mais busca.



### QUESTÃO 14

Parece que a felicidade, mais que qualquer outro bem, é tida como este bem supremo, pois a escolhemos sempre por si mesma, e nunca por causa de algo mais; mas as honrarias, o prazer, a inteligência e todas as outras formas de excelência, embora as escolhamos por si mesmas (escolhê-las-íamos ainda que nada resultasse delas), escolhemo-las por causa da felicidade, pensando que através delas seremos felizes. (ARISTÓTELES, 2007, p. 42)

Ora, pode-se chamar a habilidade, na escolha dos meios para o seu máximo bem-estar próprio, de prudência no sentido mais estrito. Portanto, o imperativo que se refere à escolha dos meios para a felicidade própria, isto é, o preceito da prudência, é sempre ainda hipotético: a ação não é ordenada absolutamente, mas apenas como meio para um outro objetivo. Finalmente há um imperativo que, sem pôr no fundamento como condição qualquer outro objetivo a ser alcançado mediante uma certa conduta, ordena imediatamente essa conduta. Este imperativo é categórico. Ele não diz respeito à matéria da ação e ao que deve seguir-se dela, mas à forma e ao princípio do qual ela mesma decorre, e o essencialmente bom da ação consiste na disposição [*Gesinnung*], seja qual for o seu resultado. Este imperativo pode chamar-se de imperativo da moralidade. (KANT, 2011, p. 123)

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. In: MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de ética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. In: MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

Sobre a relação entre moralidade e felicidade, nas filosofias de Aristóteles e Kant, é correto afirmar que

	PARA ARISTÓTELES	PARA KANT
(A)	a felicidade como bem supremo justifica a perseguição de qualquer excelência;	os imperativos morais ordenam categoricamente de acordo com um princípio e uma forma que desconsideram as consequências da ação.
(B)	a inteligência, o prazer e as honrarias são considerados como bens constituintes do agente moral;	o imperativo hipotético pauta a moralidade e a felicidade do agente prudente, dado o seu compromisso racional com o máximo bem-estar.
(C)	a felicidade é desejada por si mesma, excluindo-se qualquer relação com a moral;	a moralidade é desejada por si mesma, excluindo-se qualquer relação com a felicidade.
(D)	a felicidade é um imperativo que determina o indivíduo moralmente em função de um bem supremo;	a atitude moral do indivíduo exclusivamente prudente é determinar-se a agir de acordo com um imperativo categórico.



### QUESTÃO 15

Suponho, portanto, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que nada jamais existiu de tudo quanto minha memória repleta de mentiras me representa; penso não possuir nenhum sentido; creio que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito. O que poderá, pois, ser considerado verdadeiro? Talvez nenhuma outra coisa a não ser que nada há no mundo de certo. [...] De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira, todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito. (DESCARTES, 2011, p. 78)

O intelecto, como um meio para a conservação do indivíduo, desenvolve suas forças principais na dissimulação; pois esta é o meio através do qual se conservam os indivíduos mais fracos, menos robustos, aos quais foi negado travar uma luta pela existência com os cornos ou a mordida afiada de uma fera. No ser humano essa arte da dissimulação atinge o seu auge: aqui o engano, a lisonja, mentiras e ilusões, o falar-por-trás, o representar, o viver do brilho alheio, o estar mascarado, a convenção velada, o jogo de cena diante dos outros e de si mesmo, em suma: o constante esvoaçar em torno de uma chama de vaidade são tanto a regra e a lei segundo as quais quase nada é mais incompreensível do que o surgimento entre os homens de um impulso honesto e puro para a verdade. (NIETZSCHE, 2011, p. 142)

DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. In: MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

NIETZSCHE, F. *Sobre a verdade e a mentira em um sentido extramoral*. In: MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

Sobre os textos, é correto afirmar que

- (A) há uma unidade na concepção cartesiana e nietzscheana da verdade como representação do sujeito pensante, pois ambas reconhecem que o conhecimento carece de realidade objetiva.
- (B) na filosofia de Descartes predomina um ceticismo insolúvel sancionado pela própria razão; já para Nietzsche, o surpreendente impulso honesto e puro para a verdade seria um elemento constituinte dos indivíduos mais fracos.
- (C) segundo Nietzsche, a busca do ser humano pela verdade dissimula o seu desejo por conservação, enquanto Descartes valoriza o poder da razão humana, a qual é capaz de construir subjetivamente um conhecimento objetivo.
- (D) para Descartes, não há nada no mundo de certo, senão as ficções concebidas como verdadeiras pelo próprio espírito; já Nietzsche afirma que a dissimulação fundamenta o eu pensante, o qual confirma sua própria existência por meio da luta.



### QUESTÃO 16

Quanto mais o espírito se esclarecia, mais a indústria se aperfeiçoava. [...] Essa foi a época de uma primeira revolução, que consolidou o estabelecimento e a distinção das famílias e que introduziu uma espécie de propriedade, a qual já deu margem a muitas querelas e conflitos. [...] a partir do momento em que um homem precisou do socorro de um outro, desde que se percebeu que era útil a um único homem ter provisões para dois, a igualdade desapareceu, a propriedade se introduziu, o trabalho se tornou necessário e as vastas florestas viraram campos risonhos que era preciso regar com o suor dos homens, e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinar e crescer junto com as colheitas. (ROUSSEAU, 2011, p. 96)

A produção de ideias, de concepções, de consciência é, a princípio, diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, a linguagem da vida real. Conceber, pensar, os intercâmbios mentais dos homens, nesse ponto, aparece como a emanação direta de seus comportamentos materiais. O mesmo se aplica à produção mental, como se expressa na linguagem da política, das leis, da moralidade, da religião e da metafísica de um povo. (MARX; ENGELS, 2011, p. 137)

ROUSSEAU, J.-J. Discurso sobre a desigualdade. *In*: MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. *In*: MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

Assinale a alternativa que apresenta, de acordo com os fragmentos de texto, os fundamentos das ideias de Rousseau e de Marx e Engels.

	PARA ROUSSEAU	PARA MARX e ENGELS
(A)	A exploração do trabalho é inseparável da destruição da natureza.	O intercâmbio cultural dos homens equivale ao seu comportamento histórico-material.
(B)	O desenvolvimento técnico e o acúmulo de propriedade alteram as relações de poder em sociedade.	Cada momento histórico é marcado pelo modo de produção prevalecente, do qual emanam ideias e relações sociais.
(C)	O acúmulo de propriedade promove a cooperação entre os homens mediante a divisão do trabalho.	A metafísica de um povo ofusca a injustiça inerente a qualquer modelo de intercâmbio e atividade material.
(D)	O esclarecimento do espírito cessa com o surgimento da propriedade privada, que se estabelece a partir do conflito.	O modo de produção material determina ideologicamente a possibilidade de os seres humanos agirem justamente.



### QUESTÃO 17

O que seria mais monstruoso do que afirmar que as coisas se tornariam melhores ao perderem todo o Bem? Por isso, se privadas de todo o Bem, deixariam totalmente de existir. Portanto, enquanto existem, são boas. Portanto, todas as coisas que existem são boas, e o Mal que eu procurava não é uma substância, pois se fosse substância seria um bem. Na verdade, ou seria uma substância incorruptível e então seria um grande bem, ou seria corruptível e, neste caso, a menos que fosse boa, não poderia se corromper. Percebi, portanto, e isto pareceu-me evidente, que criastes todas as coisas boas e não existe nenhuma substância que Vós não criastes.

Tu poderias me perguntar então: se a vontade afasta-se do Bem imutável em direção a um Bem mutável, de onde provém esse impulso de mudar? É claro que essa mudança é má, mesmo que o livre-arbítrio, sem o qual não se pode viver, deva ser incluído entre aquilo que é bom. (AGOSTINHO, 2011, p. 63)

AGOSTINHO. Confissões. *In*: MARCONDES, D. (Org.).  
**Textos básicos de filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

Com base na leitura desse fragmento de texto, para Agostinho,

- (A) o mal resulta da concepção da vontade como bem imutável, o que não seria possível, dada a concepção de Deus como criador de todas as coisas perfeitas.
- (B) a impossibilidade de criar o mal atestaria a imperfeição de Deus, e Deus, sendo perfeito, é capaz de criar até mesmo o mal pela via do livre-arbítrio.
- (C) o livre-arbítrio é criado por Deus e, portanto, é bom; o mal, enquanto substância, inexistente, dada a impossibilidade de que Deus crie algo imperfeito.
- (D) Deus é criador de toda a perfeição; sendo o livre-arbítrio humano algo imperfeito, o mal é consequentemente uma criação humana.

### QUESTÃO 18

A reproduzibilidade técnica da obra de arte modifica a relação das massas para com a arte. [...] O comportamento progressista se caracteriza pelo fato de que o prazer em ver e vivenciar entra em ligação imediata e interna com a postura do especialista. Tal ligação é um indício social importante. Pois quanto mais o significado social de uma arte diminui, tanto mais se separam, no público, a postura crítica da fruidora – o que se comprova claramente na pintura. O convencional é fruído acriticamente, e o verdadeiramente novo é criticado com aversão. Porém, isso não ocorre no cinema. O elemento determinante para esse fato é que em nenhum lugar mais do que no cinema as reações do indivíduo – cuja soma constitui a reação em massa do público – se mostram como condicionadas desde o começo pela sua massificação iminente. (BENJAMIN, 2012, p. 309)

BENJAMIM, W. A obra de arte na era da sua reproduzibilidade técnica. *In*: DUARTE, R. (Org.).  
**O belo autônomo: textos clássicos de estética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

De acordo com o texto, é correto afirmar que a reproduzibilidade técnica

- (A) é um efeito inesperado da massificação da indústria cinematográfica.
- (B) altera a relação das massas com a pintura e o cinema, popularizando a postura crítica diante da arte.
- (C) é um elemento com o qual tanto o cinema quanto a pintura atingiram os ideais progressistas da nova arte.
- (D) implica na diminuição do significado social da arte, que por sua vez se relaciona à acriticidade na fruição da arte convencional e à aversão na recepção do novo.



### QUESTÃO 19

Fiquei sem respiração. Nunca, antes desses últimos dias, tinha pressentido o que queria dizer “existir”. Era como os outros, como os que passeiam à beira-mar com suas roupas de primavera. Dizia como eles: o mar é verde; aquele ponto branco lá no alto é uma gaivota, mas eu não sentia que aquilo existisse, que a gaivota fosse uma “gaivota-existente”; comumente a existência se esconde. Está presente, à nossa volta, em nós, ela somos nós, não podemos dizer duas palavras sem mencioná-la, e afinal não a tocamos. [...] Se me tivessem perguntado o que era a existência, teria respondido de boa-fé que não era nada, apenas uma forma vazia que vinha se juntar às coisas exteriormente, sem modificar em nada sua natureza. E depois foi isto: de repente, ali estava, claro como o dia: a existência subitamente se revelara. Perdera seu aspecto inofensivo de categoria abstrata: era a própria massa das coisas, aquela raiz estava sovada em existência. Ou antes, a raiz, as grades do jardim, o banco, a relva rala do gramado, tudo se desvanecera; a diversidade das coisas, sua individualidade, eram apenas uma aparência, um verniz. Esse verniz se dissolvera, restavam massas monstruosas e moles, em desordem – nuas, de uma nudez apavorante e obscena. (SARTRE, 2007, p. 163)

SARTRE, J.-P. A náusea. *In*: MARCONDES, D. (Org.).  
**Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Com base no trecho citado, ao experimentar a náusea, o filósofo compreende que a

- (A) existência é uma categoria abstrata que confere individuação às coisas.
- (B) existência se desvela nos enunciados que fazemos sobre as coisas que vemos.
- (C) individuação vela a natureza das coisas existentes, perceptíveis apenas como categoria abstrata.
- (D) diversidade e a individualidade das coisas existentes não são modalidades nas quais a existência se revela.

### QUESTÃO 20

O que o Antropoceno põe em cheque, justamente, é a própria noção de *anthropos*, de um sujeito universal (espécie, mas *também* classe ou multidão) capaz de agir como um só *povo*. A situação propriamente *etnopolítica* do “humano” como multiplicidade intensiva e extensiva de *povos* deve ser reconhecida como implicada diretamente na crise do Antropoceno. Se não existe um interesse universal humano *positivo*, é porque existe uma diversidade de alinhamentos políticos dos diversos povos ou “culturas” mundiais com muitos outros actantes e povos não humanos (formando o que Latour chama de “coletivos”) *contra* os autointitulados porta-vozes do Universal. (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 121, grifos dos autores)

DANOWSKI, D.; CASTRO, E. V. Humanos e terranos na terra de Gaia.  
*In*: **Há mundo por vir?** – ensaio sobre os medos e os fins.  
Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

De acordo com o texto,

- (A) os diversos alinhamentos políticos de múltiplas culturas e povos não humanos estão na base da ausência de um interesse universal humano positivo.
- (B) o *anthropos* se confunde com o sujeito universal e o Antropoceno favorece a existência de povos não humanos.
- (C) o Antropoceno é um período geológico que se fundamenta na humanidade como único ator no planeta.
- (D) os “coletivos” são maneiras pelas quais se instancia a ideia universal de humanidade.



### QUESTÃO 21

65. [...] Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos linguagem, digo que não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações, motivo pelo qual empregamos a mesma palavra para todas – mas são *aparentadas* entre si de muitas maneiras diferentes. Por causa deste parentesco, ou destes parentescos, chamamos a todas de “linguagens”.

[...]

116. Quando os filósofos usam uma palavra – “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” – e almejam apreender a essência da coisa, devem sempre se perguntar: esta palavra é realmente sempre usada assim na linguagem na qual tem o seu torrão natal? – Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico de volta ao seu emprego cotidiano. (WITTGENSTEIN, 2007, p. 116; 169, grifos do autor)

WITTGENSTEIN, L. Investigações filosóficas. In: MARCONDES, D. (Org.).  
**Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Com base nos trechos citados, é correto afirmar que

- (A) segundo Wittgenstein, o emprego metafísico das palavras fundamenta os seus usos habituais.
- (B) o uso metafísico da linguagem é o que permite falar com sentido sobre a essência das palavras e das coisas.
- (C) embora exista algo comum a tudo que chamamos de “linguagem”, Wittgenstein opta por não partir dessa constatação.
- (D) procurar algo comum às diversas linguagens assemelha-se ao procedimento metafísico de buscar a essência das coisas.

### QUESTÃO 22

Estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p. 16-17)

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Com base no texto, é correto afirmar que

- (A) para Krenak, uma vez que humanidade e cosmos se distinguem, tudo é natureza.
- (B) contemporaneamente, é aceito por todos que humanidade e natureza são entidades unívocas.
- (C) o mito da sustentabilidade contribui para manter a nossa alienação em relação à Terra como organismo do qual fazemos parte.
- (D) as grandes corporações protegem hoje a natureza, pois compreendem a importância do conceito de sustentabilidade.



### QUESTÃO 23

[...] se o universalismo abstrato é um tipo de particularismo que se estabelece como hegemônico e se apresenta como desincorporado, o universalismo concreto, que podemos extrair da carta de Césaire e das contribuições de Abdias do Nascimento, não esconde seu lugar de enunciação, suas influências corpo-políticas e geopolíticas. Este universalismo permite a coexistência de particulares, sem que cada particular precise se esconder atrás de uma ideia abstrata ou desincorporada. Diferentemente do universalismo abstrato, que estabelece uma relação vertical, o universalismo concreto supõe um projeto político que propõe relações e diálogos horizontais entre as diversas particularidades. (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018, p. 15)

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. Introdução. *In: Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

De acordo com o texto, o universalismo

- (A) concreto fundamenta-se na coexistência de particulares construídos fora das influências corpo-políticas e geopolíticas.
- (B) abstrato se fundamenta na produção de conhecimento desincorporado e verticalizado.
- (C) abstrato promove o diálogo horizontal entre os particulares que estão subsumidos nele.
- (D) concreto contesta as particularidades em prol de uma coletividade.

### QUESTÃO 24

Analise os fragmentos de texto a seguir:

Resta-nos assim um único caminho: o ser é. Neste caminho há grande número de indícios; não sendo gerado, é também imperecível; possui, com efeito, uma estrutura inteira, inabalável e sem meta; jamais foi nem será, pois é, no instante presente, todo inteiro, uno, contínuo. Que geração se lhe poderia encontrar? Como, de onde cresceria? Não te permitirei dizer nem pensar o seu crescer do não ser. (PARMÊNIDES, fragmento 8)

Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e todas as coisas, um, e de um, todas as coisas. (HERÁCLITO, fragmento 10)

Trata-se de uma única e mesma coisa: a vida e a morte, a vigília e o sono, a juventude e a velhice; pois a mudança de um leva ao outro e vice-versa. (HERÁCLITO, fragmento 88)

MARCONDES, D. (Org.). **Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

Sobre esses fragmentos, foram feitas as seguintes afirmativas:

- I. Em todos os fragmentos citados aparece a questão da unidade da realidade.
- II. Tanto Heráclito quanto Parmênides tematizam a relação entre opostos.
- III. Para Heráclito e para Parmênides a relação entre opostos é constitutiva do ser.
- IV. Heráclito admite que a mudança é constitutiva da realidade.
- V. Parmênides admite que a geração e a corrupção constituem a relação do ser com o não ser.

Estão corretas

- (A) I, II e IV.
- (B) I, III e V.
- (C) II, IV e V.
- (D) II, III e V.



**QUESTÃO 25**

Os textos a seguir abordam a noção de causalidade em Spinoza e Hume:

[...] A respeito dos modos da natureza de Deus, estes derivaram necessariamente dessa natureza também, não de uma maneira contingente, e isso tanto se considerarmos a natureza divina absolutamente quanto se a considerarmos como determinada a agir de uma certa maneira. Além disso, Deus é causa desses modos não apenas na medida em que eles existem simplesmente, mas também na medida em que os consideramos como determinados a produzir algum efeito. (SPINOZA, 2007, p. 89)

Vendo pela primeira vez a comunicação de movimento por impulsão, por exemplo, no choque de duas bolas de bilhar, um homem não poderia afirmar que um evento estava *conectado* ao outro, mas apenas que eles estavam *conjugados*. Após observar diversas situações dessa natureza, ele passa a afirmar que os eventos são *conectados*. Que alteração aconteceu para dar origem a essa ideia nova de *conexão*? Nada além do fato de ele agora *sentir* que esses eventos estão *conectados* em sua imaginação, podendo prever prontamente a existência de um deles a partir da aparição do outro. Assim, quando dizemos que um objeto está conectado a outro, isso significa apenas que eles adquiriram uma conexão em nosso pensamento, dando origem à inferência pela qual um se torna prova da existência do outro. (HUME, 2007, p. 106, grifos do autor).

SPINOZA, B. *Ética*. In: MARCONDES, D. (Org.).  
**Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HUME, D. Uma investigação sobre o entendimento humano. In: MARCONDES, D. (Org.).  
**Textos básicos de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Sobre a relação entre os textos, é correto afirmar que

- (A) assim como Spinoza, Hume parte da ideia de causalidade concebida pela nossa imaginação para deduzir a existência de Deus e, a partir desta, a existência do mundo.
- (B) Spinoza considera que a relação de causalidade existe na realidade, enquanto Hume argumenta que esta é uma conexão no pensamento fundada em um sentir.
- (C) Spinoza e Hume concordam que só se pode conhecer a realidade na medida em que se descobrem as relações causais existentes entre os objetos que percebemos.
- (D) Spinoza e Hume divergem, pois Spinoza concebe Deus como causa do mundo, já Hume considera que a causalidade é uma conexão real que existe apenas entre objetos empíricos.



## QUESTÕES DISCURSIVAS

### QUESTÃO 1

Valor total da questão: 25 pontos

Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores – em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade –, temos que reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. (HOOKS, 2019, p. 51)

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

Diante do problema apontado pela autora, indique e justifique no mínimo uma estratégia didática para articular o ensino de Filosofia a práticas antirracistas, em uma educação intercultural, transcultural e/ou multicultural.

A escolha da abordagem, bem como das áreas e referenciais teóricos para responder à questão, fica a critério do(a) candidato(a) (até 60 linhas).

### QUESTÃO 2

Valor total da questão: 25 pontos

#### A filosofia tem uma origem?

Justifique sua resposta. A escolha da abordagem, bem como das áreas e referenciais teóricos para responder à questão, fica a critério do(a) candidato(a) (até 60 linhas).

### QUESTÃO 3

Valor total da questão: 25 pontos

Disserte sobre as relações entre poder, corpo e identidade.

A escolha da abordagem, bem como das áreas e referenciais teóricos para responder à questão, fica a critério do(a) candidato(a) (até 60 linhas).



**QUESTÃO 4**

**Valor total da questão: 25 pontos**



Disponível em: <https://www.theviewerreport.com>. Acesso em: 27 nov. 2022

O Sr. Andy Warhol, o artista pop, exhibe fac-símiles de caixas de Brillo, em pilhas altas, em limpas prateleiras como no estoque do supermercado. Elas são, casualmente, de madeira, pintadas de modo a parecer cartonado; e por que não? Parafrazeando a crítica do *Times*, se alguém pode fazer o fac-símile de um ser humano a partir do bronze, por que não o fac-símile da caixa de Brillo a partir do compensado? [...] Bem, é claro que as suas caixas são feitas à mão, o que é um insano reverso da estratégia de Picasso de colar o rótulo de uma garrafa de Suze num desenho, dizendo que era como se o artista acadêmico, preocupado com uma imitação exata, sempre ficasse aquém da coisa real: então, por que não usar a coisa real? [...] Não importa que a caixa de Brillo possa não ser boa – menos ainda grande – arte. O que chama a atenção é que ela seja arte de algum modo. Mas, se ela é, por que não o são as indiscerníveis caixas de Brillo que estão no depósito? Ou toda a distinção entre arte e realidade caiu por terra? (DANTO, 2012, p. 329-330)

DANTO, A. O mundo da Arte. In: DUARTE, R. (Org.). **O belo autônomo**: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Disserte sobre a relação entre arte e realidade.

A escolha da abordagem, bem como das áreas e referenciais teóricos para responder à questão, fica a critério do(a) candidato(a) (até 60 linhas).













